

Extinção da Funai divide caciques

**Índios do PR acham
que o órgão em
Curitiba é inoperante.
Os de SC dizem que não.**

Enquanto caciques de Ibirama (SC) se mobilizam na defesa da sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Curitiba, enviando documento ao governador Jaime Lerner, de outro lado aumentam as acusações de inoperância e inutilidade contra o órgão na capital. Maurício Paredes Saraiva, funcionário da Assessoria Especial para Assuntos Indígenas do Estado do Paraná, afirma que a Funai de Curitiba é um "elefante branco".

Segundo Saraiva, o orçamento é muito grande em relação ao número de índios atendidos. Ele também considera a verba destinada à capital um exagero quando comparada às demais unidades da Funai no Paraná, em Guarapuava e Londrina. Saraiva, que já trabalhou na Funai de Curitiba, afirma que a sede é grande demais, "para funcionários que não têm muito o que fazer".

Desproporcional

De acordo com a Funai de Curitiba, a sede da capital atende cerca 1.550 índios - 1.200 da região de Ibirama (SC), incorporada em julho de 1996, e trezentos do litoral paranaense e catarinense. O orçamento do ano passado foi de aproximadamente R\$ 303 mil. Guarapuava, que presta serviços a cerca de 6.400 índios, recebeu no mesmo período perto de R\$ 349 mil. Londrina, com 2.100 índios, ficou com uma fatia de R\$ 285 mil.

O administrador da Funai em Curitiba, Sérgio de Campos, afirma que a verba destinada à capital corresponde aos projetos apresentados a Brasília. Nela estão incluídos os gastos com a Casa do Índio, que atende indígenas doentes em Curitiba. A casa, que segundo a Funai de Curitiba tem um orçamento mensal de R\$ 14 mil, recebe cerca de duzentos índios por mês. O Departamento de Planejamento da Funai, em Brasília, confirma que o número de índios vinculados a cada sede da Funai é importante, mas não é o que determina a quantia de dinheiro, que é enviada de acordo com a programação de cada unidade no País.

O próprio Campos admite que o prédio tem espaço ocioso. Segundo ele, um estabelecimento menor já foi procurado, mas nenhum tinha um custo final inferior ao atualmente ocupado, cujo aluguel é de R\$ 3.000 mensais. Mesmo assim, Campos afirma que vai levar o problema novamente à Funai de Brasília.

Pedidos de caciques

Os caciques das reservas atendidas pela Funai de Londrina e de

Documento rebate as acusações

Vinte funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Curitiba enviaram ontem um documento a O Estado, onde repudiam as acusações que foram feitas no Encontro Indígena do Turvo, no início do mês. O encontro, que reuniu lideranças indígenas das administrações da Funai de Londrina e Guarapuava, reivindicou a extinção da sede de Curitiba.

O documento alega que a instituição emprega 22 funcionários, que prestam serviços a 1.800 índios; e não sessenta empregados e 120 indígenas, como foi dito no encontro. Na semana passada, o chefe da Divisão de Assistência da Funai em Curitiba, Marcos Vinícius Almeida Muniz, informou a O Estado que são atendidos 1.550 índios. O administrador da Funai curitibana, Sérgio de Campos, diz que não se tem um número exato de atendimentos. Segundo Campos, 1.800 é um número aproximado, "pois os guaranis viajam muito".

Os funcionários também alegam que não há pressão para que os índios de Ibirama (SC) defendam a Funai de Curitiba. Eles garantem que foi por iniciativa dos próprios índios. Os indígenas de Ibirama são um ponto de divergência entre a administração de Curitiba e as sedes da Funai em Londrina e Guarapuava. Os funcionários também dizem no documento que o fechamento da Funai de Curitiba não significaria a perda de emprego, pois todos são funcionários federais concursados, tendo portanto estabilidade.

Guarapuava, numa reunião no último dia 12, pediram a extinção da Funai de Curitiba. Eles acham que um núcleo na capital seria suficiente e consideram que o atendimento aos índios de Ibirama (SC) deveria ser feito pela Funai de Chapecó, e não pela de Curitiba.

O chefe do Serviço de Assistência da Funai de Chapecó, José Renato Borges Padilha, afirma, porém, que a incorporação da reserva de Ibirama à de Curitiba foi porque Chapecó fica mais distante. Curitiba está a 270 km, enquanto a distância a Chapecó é de aproximadamente 380 km. Segundo ele, além disso, Curitiba oferece funcionários mais especializados e melhor atendimento aos indígenas.

Reunião

O cacique-geral de Ibirama, Aniel Priprá, disse que está disposto a ir a Brasília para defender a Funai de Curitiba. Priprá, acompanhado de outros caciques de Ibirama que vieram a Curitiba no início da semana passada para contestar o pedido de extinção da Funai na capital, está negociando uma data para uma reunião, em janeiro, com o presidente da Funai, Sullivan Silvestre de Oliveira. O objetivo é resolver o problema com as sedes de Guarapuava e Londrina.